

ERNEST HEMINGWAY, HERVEY ALLEN, JAMES FARRELL & OUTROS

O Dia – 14 de setembro de 1938.

A literatura de ficção está transpondo, nos Estados Unidos da América do Norte, uma fase indefinível de expectativas e transição.

Todo esforço tendente a defini-la, a caracterizar os elementos fundamentais que a compõem, resultaria improfícuo, seria de todo inútil.

Há, cada dia que passa, surpresas agradáveis. A última delas é o surgimento desse Erskine Caldwell, o autor de “God’s Little Acre”.

Caldwell é a violência em ação, os gestos bárbaros, as atitudes bruscas de indiferença e desprezo pelo bem viver humano. Já o chamaram de “romancista panfletário”. As suas novelas são um meio de dizer o que pensa, para melhor entendimento dos que o lêem, para mais clara compreensão dos que ainda acreditam na revolução dos espíritos e das massas.

Escritor, por excelência, instintivo, sua máxima preocupação intelectual tem sido a crítica vermelha das instituições do seu país.

Nunca acreditou na superioridade animal do homem e sente visível repugnância por todo ensinamento que vem da história. Em tudo só enxerga miséria e ruína. Chega a ponto de, num assomo de rebeldia, tentar a derrubada de heróis, ridicularizando as crenças e os ideais das populações norte-americanas.

Eu, em bom senso, não aconselharia a ninguém a leitura de Caldwell. Sinto-o pernicioso. No entanto, é para ele, em favor dele, que a minha curiosidade se inclina espontaneamente.

Escreveu tão-somente para combater, para apontar erros do homem e enganos da história. Escreveu para mostrar que nem todos são conformados, que há ainda muita gente que luta sem cessar para desviar a humanidade do caminho da ruína e do desregramento espiritual. Para mostrar até que ponto chegou a degradação moral da grande nação norte-americana.

Semon Dye, o personagem central de “Journeyman”, é o elemento de que Caldwell lança mão para, de cidade em cidade, através das aldeias, poder pregar as suas incríveis idéias de dissolução social.

Caldwell foge de tudo quanto é puro e humano. Acredita na beleza como simples ilusão visual, como fantasia, como aparência. Tem horror sincero ao que julgamos nobre e elevado. Combate o sadismo patriótico. Nega o que o homem possui de mais admirável e eternamente humano: o amor e a amizade. Para Caldwell, o interesse econômico está no centro da vida, ainda continuamos a ser os mesmos animais de rapina, cheios de cobiça e inveja.

Bem ao contrário de Erskine Caldwell, ainda que em plano inferior, e com menores possibilidades artísticas, está o escritor de “Our America”, o Waldo Frank dos grandes lances espirituais.

Frank, à maneira de Walt Whitmann, é um inspirado na brutalidade da natureza americana. Em oposição a Caldwell, defende a superioridade do homem do nosso continente. Crê mesmo na possibilidade de um grande destino para a cultura humana, no retorno dos valores espirituais eternos, na permanência da ordem divina.

Enquanto Caldwell é o doutrinador do ceticismo e da descrença, Frank fala em palavras entusiasmadas, cheio de respeito pagão do homem, do mundo e de Deus. Não chega a ser um ficcionista, é um poeta de tudo quanto o cerca.

Que distância formidável de um escritor a outro! Que diferença de concepção e de mundos! Assim é, assim acontece, com todo intelectual novo que surge nos Estados Unidos: a mesma surpresa para o leitor incauto.

Essa geração de Caldwell e Frank, já nascida e formada em plena luz deste século vinte, geração eminentemente política, oriunda da influência de Sinclair Lewis e Upton Sinclair, da influência de “Babith” ou “Petróleo”, essa geração

representa no momento, em toda sua pujança, o próprio pensamento social do povo norte-americano.

De um lado, é Erskine Caldwell impressionado com o desregramento do homem, com a falta de respeito humano, com o reinado torpe da exploração que, segundo mesmo afirma, desvirtua e renega os princípios básicos da própria civilização ocidental.

De outro lado, é Waldo Frank mais conformado com as imposições humanas da vida social, menos turbulento, mais crente na poesia que vem da terra, mais crente na beleza que vem de Deus.

Caldwell e Frank, sem as características dos grandes chefes de escola, um pela linguagem arrojada e revolucionária e outro pela eloquência com que defende os ideais humanos, carregam consigo uma mocidade inteira, cuja atitude é também ou de desprezo ou de estesia.

Michael Gold, Benjamin Appel, Ludwig Lewisohn, Amy Lowel, Robert Frost, Val Lewton, Peri S. Buck, Dreiser, Ben Hecht, representam as duas correntes em choque, representam ou a negação ou a afirmação.

Quisera poder aqui resumir a formação e o conceito intelectual de vida de todos esses homens de pensamento. Seria interessante, curioso até, interpretar o sentido de vida de cada um deles, anotando as originalidades mais visíveis.

Não obstante a atração que possam despertar, segue a nossa curiosidade caminho diferente e distanciado. Há outras figuras, bem mais típicas da literatura atual norte-americana, bem mais representativas da ficção no país de Walt Whitmann.

Quero me referir, entre os modernos, a escritores dos mais expressivos, de maior renome e que mais admiração desfrutam: Ernest Hemingway, Hervey Allen e James T. Farrell.

Esses três nomes resumem o que há de mais perfeito, o que existe de maior valor nesta geração última que se encontra no comando da inteligência nova do país de Poe.

Essas três individualidades, cada uma delas fazendo vida à parte, em setores incomuns, com características intelectuais diferenciadas e marcantes, cada uma

delas representa, no domínio do político ou do social, uma atitude própria de luta e de combate.

Ernest Hemingway é o maior acontecimento literário nos Estados Unidos, Maurice Edgar Coindreau, o crítico de Princeton, escrevendo sobre Hemingway, afirma: Entre os anos de 1926 e 1929 todos os olhos se voltavam para ele. Constituía não só a esperança da literatura americana, sendo para os seus admiradores a personificação mesma dessa literatura. Hemingway teve, para Maurice Coindreau, a honra de combinar a brutalidade de um Dreiser com a singeleza artística de um Anderson. Dreiser não era bem um artista. Sherwood Anderson o era em excesso.

Considero Hemingway o escritor mais equilibrado da América inteira. Temendo a morte, temendo a vida e o sofrimento, foi o primeiro autor norte-americano a fazer uso dos métodos proustianos psicológicos de interpretação. Todas as suas novelas giram entre estes três estados de espírito: a vida, a morte e o sofrimento. Há momentos em que a angústia o domina e abate. Nesses momentos ele surge para acusar, para menosprezar a inteligência alheia, para brincar com a crítica, para mostrar o que possui o homem de inferior quando sente e quando pensa no silêncio e na quietude. Todos estamos lembrados daquele drama divulgado pelo cinema e de tamanho sucesso: “Farewell to Arms”. Nele é outro o Hemingway que aparece. Bem diferente do Hemingway de “The Torrent of Spring”.

Hervey Allen estreou com uma biografia de Edgar Poe. O seu renome, porém, só ganhou vulto com o aparecimento de “Anthony Adverse”. Outra obra que o cinema maravilhosamente divulgou, despertando curiosidade geral. No domínio da ficção esse Hervey Allen se assemelha muito ao mestre Alexandre Dumas. “Anthony Adverse” é quase uma reprodução dos “Três Mosqueteiros”. Sei que não há nada no tema do livro que justifique plenamente o seu enorme sucesso. O desenvolvimento do romance é piegas. Uma história fantástica de um homem infeliz, esforçado, com todas as possibilidades de êxito, mas infeliz... Um verdadeiro livro da Idade Média, com aventuras quixotescas através da Itália, Cuba, África, França, Espanha, México, etc... Um livro para povo, que facilita o

sonho, que provoca o entusiasmo e a compaixão. Nunca, porém, um grande livro. O segredo do êxito reside na espontaneidade da prosa, no colorido das imagens, na poesia das idéias. Criando situações amorosas cheias de poesia e enlevo, descrevendo desenganos sentimentais à maneira de um poeta. Hervey Allen construiu em torno de si uma auréola de grande escritor, a popularidade de chefe de escola, com admiradores e discípulos.

James T. Farrell é o criador da literatura proletária norte-americana. É o intérprete fiel e sincero da vida humilde, da vida dos trabalhadores de todos os ofícios. Descritivo, pouco fotográfico, ama as grandes descrições. Não é um combativo. É um escritor da realidade, escreve sobre o povo com quem vive, sobre o que vê ao seu redor, o pouco de alegria e o muito de sofrimento. É o autor mais lido pelas classes intelectuais menos privilegiadas.

Ernest Hemingway, Hervey Allen e Farrell, três direções distintas para a literatura americana, três atitudes de vida, três gestos de luta e reação. O indiferente, o que despreza os desencontros da vida social e vive exclusivamente para as grandes construções artísticas, para a grande vida do espírito; o romântico, o criador de imagens coloridas, o eterno sonhador, o poeta; e o que se preocupa e sofre com o destino das massas, com a condição dos homens de trabalho modesto. Três direções, três vidas diferentes, três individualidades, três mundos, três Américas...